

# A unidade entre luta cultural e luta política

*Revista Enfrentamento*

Este editorial tem um único objetivo: demonstrar que a luta cultural é uma unidade com a luta política. A luta de classes opera cotidianamente na esfera da produção, vez ou outra no desenvolvimento das lutas operárias, esta vai além da mera resistência espontânea e isolada e passa a se expressar um conteúdo revolucionário. Quando isto ocorre, as bases da sociedade inteira como está organizada é ameaçada. Num momento destes, a efervescência de idéias, a produção de novas concepções sobre a vida, sobre o mundo, sobre as artes, sobre cultura de um modo geral se modificam. Como diria Pannekoek, na sua grande obra “*Os Conselhos Operários*”, a revolução proletária é sobretudo uma revolução do espírito. A produção de novas relações sociais é simultaneamente a produção de novas concepções sobre a realidade.

Em momentos de estabilidade da produção capitalista, a produção cultural tende a se tornar cada vez mais conservadora, reproduzir com muito mais frequência as ideologia, valores e mentalidades inerentes à sociedade existente. São poucos, muito poucos os grupos e indivíduos que conseguem compreender o momento de recrudescimento da luta concreta da classe trabalhadora e expressar, neste contexto, ainda uma concepção revolucionária. Como Pierre Fougereyrollas alguma vez: não é impressionante que Marx tenha se tornado um revolucionário na década de 1840, culminando com o *Manifesto Comunista* de 1848, período no qual o proletariado logrou grandes batalhas, mas sim que ele tenha se mantido revolucionário durante as décadas de 1850 e 1860, período de grande recuo da luta revolucionária do proletariado, que só veio a ressurgir novamente em 1871 com a

Comuna de Paris. Ou seja, uma coisa é defender concepções revolucionárias num momento revolucionário, outra muito diferente, é colocar a inteligência e a ação para funcionar de um ponto de vista radical em momentos de recuo da luta operária.

Este enfrentamento que agora o leitor tem em mãos é uma tentativa de expressar o mais claramente possível a perspectiva do proletariado num momento no qual este encontra-se completamente subordinado à lógica do capital. Estes textos que agora o leitor tem em mãos não é expressão da consciência empírica do proletariado, mas sim, do ser de classe do proletariado. A “Breve História do Neoliberalismo” de Nildo Viana, O “Estado e a Revolução Cubana” de Rafael Saddi, “O Comunismo de Conselhos e a Crítica ao Bolchevismo” de Lucas Maia e “O Grupo Comunista Internacionalista da Holanda” de Anton Pannekoek, publicado originalmente em 1947 e traduzido por Nildo Viana visam dar uma contribuição neste sentido.

A luta cultural é portanto um instrumento político fundamental do proletariado. Como já afirmava Marx, devido ao seu ser de classe, às condições materiais de sua existência e à sua situação geral no interior da sociedade burguesa, o proletariado só tem compromisso com a verdade. A luta cultural pode se expressar nos mais variados âmbitos: produção artística em geral (música, poesia, prosa, escultura, pintura etc.) e na produção teórica em particular. Este número da *Enfrentamento* é uma contribuição teórica no sentido de apresentar a perspectiva proletária. Nosso único compromisso é com a luta revolucionária do proletariado, com mais ninguém.